

CARLOS LOURES

VINTE ANOS, MEU AMOR

O relâmpago da bomba que assassinou Hiroxima
esculpiu sombras sobre a pedra e o cimento
e diz-se que uma delas foi a de um pintor
cuja silhueta ficou para sempre tatuada
no mármore da frontaria de um banco comercial.
O operário no pedestal do seu escadote
mergulhava o pincel na lata de tinta
quando o grande clarão se abateu sobre a cidade.
Isto é
às oito horas e quinze minutos do dia seis de agosto
de mil novecentos e quarenta e cinco
(enquanto outros homens largavam bombas)
um homem que trabalhava deixava o seu protesto
esculpido a luz na fachada de um banco.
A sua sombra é talvez o mais evidente e doloroso
monumento à glória dos trabalhadores de todo o
[mundo.

Mas isto foi há vinte anos
quando Hiroxima e Nagasáqui foram duas flores de
[fogo
em cujas corolas explodia a carne e o vidro
o sangue e o betão — foi há vinte anos
quando os SS fugiam de Weimar e de Auschwitz
deixando barracões atulhados de esqueletos vivos
e pátios com montões de cadáveres — carne podre
e ossos amarelecidos que não houve tempo de cremar.
Foi há vinte anos e dos barracões saíram filas

de esqueletos vivos que partiram para suas pátrias
desembarcando nas gares cinzentas da Europa Central
com a palavra esperança bordada em seus brancos
[lábios.

Tudo isto há vinte anos e desde aí os homens
com os lábios em que tinham hasteado a palavra
[esperança
decoraram nomes de terras onde outros homens
[morriam
para que a esperança deixasse de ser apenas uma
[palavra —
— Coreia Indochina Argélia Cuba Congo
As fachadas dos bancos de Orão de Havana de
[Leopoldville
viram passar sombras reivindicativas de trabalha-
[dores
e — embora não eternamente — elas projectaram-se
[sobre o mármore
numa ameaça do Trabalho à indignidade.

.....
A esperança é como uma grande bandeira que os
[homens levam
nos lábios nos olhos e na memória
e as suas sílabas como pombas invencíveis
sobrevoam os fornos crematórios as cidades assas-
[sinadas
as câmaras de gás as selvas e as celas dos presídios.

Os homens levam a esperança hasteada nos seus lábios
e um dia desfralda-la-ão sobre todo o universo.

in «*Artes e Letras*» (Not. de Guimarães - Janeiro
de 1965) e «*Ponent*» (Palma de Maiorca — Agosto
de 1966).